

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0194/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 20/07/2025

Reino da Arábia Saudita saúda declaração de paz assinada em Doha entre a República Democrática do Congo e o Movimento 23 de Março



Membros do grupo rebelde M23 supervisionam a saída de tropas mercenárias nas ruas de Goma em meio ao conflito entre eles e as Forças Armadas da República Democrática do Congo (FARDC).

O Reino da Arábia Saudita saudou ontem a assinatura de uma declaração de princípios entre o governo da República Democrática do Congo e o Movimento 23 de Março, descrevendo o acordo como um passo positivo em direcção à paz e estabilidade na região. Em um comunicado emitido pelo Ministério das Relações Exteriores, o Reino expressou sua esperança de que a declaração, assinada em Doha, capital do Qatar, contribua para melhorar as condições humanitárias e econômicas na RDC e reforce a segurança regional e internacional. Riade, também elogiou os esforços diplomáticos do Qatar para facilitar o acordo, destacando o papel construtivo de Doha na promoção do diálogo e da reconciliação entre as partes, informou a Agência de Imprensa Saudita.

A declaração ocorre em meio a apelos regionais e internacionais por uma solução pacífica para o conflito no leste da RDC, onde os combates entre forças governamentais e grupos armados, incluindo o M23, deslocaram milhões e aprofundaram as crises humanitárias. Ambos os lados se comprometeram a buscar o diálogo, cessar as hostilidades e trabalhar em direcção a um acordo político abrangente, de acordo com o acordo. O Qatar sediou as negociações como parte de seu crescente envolvimento diplomático nos esforços de resolução de conflitos africanos. **Fonte-Arab News**.

Medina lidera discussão global sobre sustentabilidade



O prefeito de Medina e CEO da Autoridade de Desenvolvimento da Região de Medina, Fahad Albulihshi, inaugurou um evento na sede da ONU em Nova York, enfatizando o papel crítico da acção local na consecução das metas globais de sustentabilidade.

O prefeito de Medina e CEO da Autoridade de Desenvolvimento da Região de Medina, Fahad Albulihshi, inaugurou um evento na sede da ONU em Nova York, enfatizando o papel crítico da acção local para alcançar as metas globais de sustentabilidade. O evento, intitulado "Agir Localmente, Acelerar o Global: Avançando em Soluções Inclusivas, Baseadas em Ciência e Evidências para a Localização dos ODS na Região Árabe", fez parte do Fórum Político de Alto Nível da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável.

Ele ressaltou a necessidade de abordagens inclusivas e baseadas em dados para localizar os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável de forma eficaz e garantir que ninguém seja deixado para trás, de acordo com a Agência de Imprensa Saudita. A participação deste ano reflecte o alinhamento da Visão Saudita 2030 do Reino com a estrutura global dos ODS e destaca os esforços de Medina na localização dos ODS e na adopção da iniciativa Índice de Qualidade de Vida.

Albulihshi observou que as cidades são responsáveis pela implementação de 65% dos ODS, acrescentando que a disponibilidade e a qualidade dos dados urbanos continuam sendo grandes desafios. Ele enfatizou a importância das estruturas globais na orientação do desenvolvimento local sustentável. A Autoridade de Desenvolvimento da Região de Medina apresentou seu Atlas de Desenvolvimento Sustentável para a cidade e seus bairros, juntamente com um relatório sobre a construção de um futuro resiliente ao risco - ambas ferramentas essenciais para decisões informadas de desenvolvimento sustentável. **Fonte-Arab News.**

Chefe do Tribunal Geral de Contas participa na reunião dos auditores internos



Hussam Alangari posa para uma foto de grupo com funcionários do Instituto de Auditores Internos em Riade.

Hussam Alangari, presidente do Tribunal Geral de Contas e membro do conselho da Autoridade Saudita de Auditores Internos, participou na reunião do Instituto de Auditores Internos em Riade. Os membros do conselho da ILA parabenizaram o Reino da Arábia Saudita, representada pela SAIA, por sua candidatura vencedora para sediar a Conferência Internacional do IIA de 2027, informou a Agência de Imprensa Saudita. O conselho disse que a oferta bem-sucedida foi o culminar dos "esforços incansáveis do Reino para aumentar a sua presença internacional no campo da auditoria interna e consolidar seu papel de liderança no desenvolvimento da profissão regional e globalmente". **Fonte-Arab News.**

Reino da Arábia Saudita apoiará educação para crianças iemenitas



O acordo foi assinado por Ahmed Al-Baiz, supervisor-geral assistente da KSrelief para operações e programas.

A agência de ajuda saudita KSrelief assinou um acordo de cooperação para apoiar a educação de crianças afectadas pelo conflito nos distritos de Al-Hawtah e Tuban, na província de Lahij, no Iêmen, informou ontem a Agência de Imprensa Saudita.

O projecto, em parceria com uma organização local da sociedade civil, beneficiará directamente 6.833 pessoas e indirectamente alcançará outras 16.000, de acordo com o

relatório. O acordo foi assinado por videoconferência por Ahmed Al-Baiz, supervisor-geral assistente da KSrelief para operações e programas. O projecto incluirá campanhas de conscientização que promovam a educação - com foco particular no incentivo à frequência escolar entre as meninas; a distribuição de mochilas escolares, uniformes e kits de higiene; a prestação de apoio psicológico e social, serviços de protecção à criança e mecanismos de encaminhamento; formação de professores para voluntários; e o fornecimento de materiais para as salas de aula.

As salas de aula selecionadas também serão reformadas "para melhorar o ambiente de aprendizagem". A iniciativa faz parte dos esforços humanitários mais amplos do Reino da Arábia Saudita por meio do KSrelief, com o objectivo de apoiar a educação e proteger as crianças em áreas de crise, garantindo o acesso a um ambiente de aprendizado seguro e sustentável. **Fonte-Arab News.**

Reino da Arábia Saudita suspende sete empresas da Umrah por abrigar peregrinos em acomodações não licenciadas

O Ministério do Hajj e Umrah do Reino da Arábia Saudita suspendeu sete empresas da Umrah por violações de controles regulatórios, incluindo o alojamento de peregrinos em acomodações não licenciadas, informou a Agência de Imprensa Saudita, esta semana. As violações foram identificadas como parte dos esforços contínuos de supervisão do ministério para melhorar a qualidade dos serviços prestados aos 'Convidados de Deus'.

"O Ministério explicou que essas violações constituem transgressões graves que afectam a segurança e o conforto dos peregrinos", afirmou. O Ministério Saudita do Hajj e Umrah disse que começou imediatamente a tomar medidas legais contra as empresas infractoras em preparação para a implementação das penalidades estipuladas pela lei.

"O Ministério do Hajj e Umrah afirmou seu desejo de garantir que os peregrinos recebam todos os seus direitos, de acordo com os mais altos padrões de qualidade e eficiência, enfatizando que não será tolerante com qualquer parte que não cumpra suas obrigações contratuais ou coloque em risco a segurança dos peregrinos". O ministério pediu a todas as empresas e instituições da Umrah que cumpram integralmente os regulamentos e instruções aprovados e garantam a prestação de serviços acordados dentro dos prazos especificados para contribuir para melhorar a experiência dos peregrinos e alcançar sua satisfação durante sua estada no Reino. **Fonte-Arab News**.

Crise no Sudão piora à medida que a violência aumenta em Kordofan e Darfur

Os combates na região sudanesa de Kordofan, que mataram centenas de pessoas, e a violência contínua em Darfur - os epicentros do conflito no país - agravaram a crise humanitária do Sudão, com trabalhadores humanitários alertando sobre o acesso limitado à assistência. A ONU disse que mais de 450 civis, incluindo pelo menos 35 crianças, foram mortos durante o fim de semana de 12 de julho em ataques em aldeias ao redor da cidade de Bara, na província de Kordofan do Norte. "O sofrimento em Kordofan se aprofunda a cada dia que passa", disse o director da Mercy Corps para o

Sudão, Kadry Furany, em um comunicado. "As comunidades estão presas ao longo de linhas de frente activas e em rápida mudança, incapazes de fugir, incapazes de acessar as necessidades básicas ou assistência que salva vidas." O Sudão mergulhou na guerra depois que as tensões latentes entre o exército e seu rival, as Forças de Apoio Rápido paramilitares, ou RSF, se transformaram em combates em abril de 2023. Nos últimos meses, grande parte dos combates se concentrou nas regiões de Darfur e Kordofan. Na passada quinta-feira, o escritório de direitos humanos da ONU confirmou que, desde 10 de julho, as RSF mataram pelo menos 60 civis na cidade de Bara, enquanto grupos da sociedade civil relataram que até 300 pessoas foram mortas. **Fonte-Arab News.**

Primeiro-ministro do Sudão promete reconstruir Cartum em primeira visita à capital devastada pela guerra



O primeiro-ministro do Sudão, Kamil Idris, prometeu ontem reconstruir Cartum em sua primeira visita à capital, devastada por mais de dois anos de guerra, desde que assumiu o cargo em maio.

O primeiro-ministro do Sudão, Kamil Idris, prometeu ontem reconstruir Cartum em sua primeira visita à capital, devastada por mais de dois anos de guerra, desde que assumiu o cargo em maio. Visitando o aeroporto, as pontes e as estações de água destruídas da cidade, o novo primeiro-ministro delineou projectos de reparo em massa em antecipação ao retorno de pelo menos alguns dos milhões que fugiram da violência. "Cartum retornará como uma capital nacional orgulhosa", disse Idris, de acordo com a agência de notícias estatal do Sudão.

A guerra entre o exército sudanês e as Forças de Apoio Rápido paramilitares começou no coração da capital em abril de 2023, destruindo rapidamente a cidade. Estima-se que dezenas de milhares tenham sido mortos na capital outrora movimentada, da qual 3,5 milhões de pessoas fugiram, de acordo com as Nações Unidas. De acordo com a assessoria de imprensa do Estado de Cartum, Idris visitou ontem o quartel-general do exército e o aeroporto da cidade, dois símbolos nacionais cuja recaptura junto com o palácio presidencial no início deste ano cimentou a vitória do exército na capital. Mas espera-se que a reconstrução seja um feito hercúleo, com o governo estimando o custo em US $ 700 bilhões em todo o país, cerca de metade dos quais apenas em Cartum.

O governo alinhado ao exército, que se mudou para Port Sudan, no Mar Vermelho, no início da guerra e ainda opera de lá, começou a planejar o retorno dos ministérios a

Cartum, mesmo com os combates em outras partes do país. As autoridades iniciaram operações na capital para enterrar cadáveres adequadamente, limpar milhares de munições não detonadas e retomar os serviços burocráticos. Em uma visita à maior refinaria de petróleo do Sudão, a usina de Al-Jaili, ao norte de Cartum, Idris prometeu que "as instituições nacionais voltarão ainda melhores do que antes". A refinaria - agora uma casca enegrecida - foi recapturada em janeiro, mas a instalação que antes processava 100.000 barris por dia levará anos e pelo menos US $ 1,3 bilhão para ser reconstruída.

Idris é um diplomata de carreira e ex-funcionário da ONU que foi nomeado em maio pelo chefe do exército Abdel Fattah Al-Burhan, líder de facto do Sudão, para formar um governo apelidado de "governo da esperança". A guerra criou a maior crise de fome e deslocamento do mundo, com quase 25 milhões de pessoas sofrendo de extrema insegurança alimentar e mais de 10 milhões de deslocados internos em todo o país. Outros quatro milhões de pessoas fugiram através das fronteiras. **Fonte-Agência de notícias do Sudão.**

'Não há vida sem água': ataques de colonos ameaçam comunidades da Cisjordânia



Subhil Olayan, operador de bomba d'água, monitora telas na estação de bombeamento perto da nascente de Ein Samiyah, perto da vila de Kafr Malik, na Cisjordânia ocupada por Israel, em 15 de julho de 2025.

De sua estação de monitoramento em uma colina remota na Cisjordânia ocupada, o operador de água Subhil Olayan vigia uma tábua de salvação para os palestinos, a fonte de Ein Saimiyah. Então, quando os colonos israelenses atacaram recentemente o sistema de poços, bombas e oleodutos que ele supervisiona, ele sabia o que estava em jogo. "Não há vida sem água, é claro", disse ele, após o ataque que cortou temporariamente o abastecimento de água para as aldeias próximas. A nascente, que alimenta a estação de bombeamento, é a principal fonte de água para cerca de 110.000 pessoas, de acordo com a empresa palestina que a administra - tornando-a uma das mais vitais da Cisjordânia, onde a água é escassa. O ataque é um dos vários incidentes recentes em que colonos foram acusados de danificar, desviar ou assumir o controle das fontes de água palestinas. "Os colonos vieram e a primeira coisa que fizeram foi quebrar o oleoduto. E quando o oleoduto é rompido, automaticamente temos que parar de bombear" água para aldeias próximas, algumas das quais dependem exclusivamente da nascente de Ein Saimiyah. "A água simplesmente vai para a terra, para o solo", disse

Olayan, acrescentando que os trabalhadores imediatamente consertaram os danos para retomar o abastecimento de água. **Fonte-Arab News**.

Ministério do Interior da Síria diz que confrontos em Sweida foram "interrompidos"

Combatentes tribais foram evacuados da cidade de Sweida, no sul da Síria, e os confrontos violentos cessaram, informou o Ministério do Interior do país na noite de ontem, sábado. "Após intensos esforços do Ministério do Interior para implementar o acordo de cessar-fogo, após o envio de suas forças nas regiões norte e oeste da província de Sweida, a cidade de Sweida foi evacuada de todos os combatentes tribais e os confrontos nos bairros da cidade foram interrompidos", disse o porta-voz do Ministério do Interior, Noureddine Al-Baba, em um post no Telegram. Em Washington, o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, pediu às forças de segurança do governo sírio que impeçam que "jihadistas entrem e "realizem massacres" no sul do país, atingido pelo conflito. "Se as autoridades em Damasco quiserem preservar qualquer chance de alcançar uma Síria unificada, inclusiva e pacífica ... eles devem ajudar a acabar com essa calamidade usando suas forças de segurança para impedir que o Daesh e quaisquer outros terroristas violentos entrem na área e realizem massacres", disse Rubio em um comunicado postado no X. **Fonte-Reuters**.

Boeing 777 da Emirates recebe jatos de água ao pousar em um destino que a empresa não atendia há 15 anos



Imagem: Divulgação – Emirates

A Emirates informa que retomou nopassado dia, 16 de julho, suas operações de Dubai para a capital síria, Damasco, recolocando a “Cidade do Jasmim” em sua extensa rede de destinos no Médio Oriente, após ter operado pela última vez no local em 2012. O voo EK913 pousou às 14h30 com 286 passageiros a bordo e a chegada ao Aeroporto Internacional de Damasco foi celebrada com uma saudação de canhão de água.

Adil Al Ghaith, Vice-Presidente Sênior de Operações Comerciais da Emirates, destacou a importância das operações da companhia aérea na capital síria. Ele disse: “Esse é um momento significativo o retorno da Emirates a Damasco. Ao oferecer nossos serviços e conectar Damasco ao mundo, estamos ajudando a reunir famílias, amigos e comunidades que há muito aguardavam por um acesso mais fácil aos seus entes queridos. Os Emirados Árabes Unidos e a Síria historicamente desfrutam de fortes laços bilaterais, e o país sempre foi um mercado importante para a Emirates desde nossos

primeiros voos para a região em 1988. Por meio de nossas operações de passageiros, buscamos servir como um facilitador essencial para o turismo, o comércio e o investimento. Ao conectarmos a Síria a quase 150 destinos em nossa rede, esperamos ser um catalisador valioso para sua recuperação. Gostaríamos de agradecer às autoridades sírias e dos Emirados Árabes Unidos, bem como à Autoridade Geral de Aviação Civil, pela cooperação e compromisso em tornar possível a retomada dos serviços."
Membros seniores da delegação síria, líderes da Emirates e VIPs de Dubai participaram de uma cerimônia de corte de bolo e troca simbólica de presentes para comemorar a retomada dos serviços e a parceria de longa data com o país.

Alaa Sallal, Director de Relações Públicas da Autoridade Geral de Aviação Civil da Síria, declarou: "As equipes da Autoridade de Aviação Civil da Síria e dos Emirados Árabes Unidos trabalharam incansavelmente, através de coordenação em alto nível e uma visão compartilhada, para atender todos os requisitos necessários para retomar as operações aéreas. Esses esforços frutíferos culminaram no bem-sucedido restabelecimento dos voos da Emirates para Damasco – um passo que reflecte a profundidade da cooperação entre ambas as partes e seu compromisso mútuo em fortalecer os laços fraternos e econômicos."

Os serviços da Emirates para Damasco operarão inicialmente três vezes por semana, às segundas, quartas e domingo, com planos de ampliar os serviços para quatro voos semanais a partir de 2 de agosto, acrescentando um voo aos sábados. Posteriormente, a Emirates expandirá seus serviços para Damasco em operações diárias a partir de 26 de outubro. A aeronave Boeing 777-200LR da Emirates que opera de e para Damasco conta com 38 assentos na Classe Executiva, além de 264 assentos na Classe Econômica. A Classe Executiva da Emirates no serviço para Damasco contará com uma configuração 2-2-2. A Emirates iniciou seus serviços para Damasco em 1988, e antes de suspender as operações em 2012, a companhia aérea transportou mais de 2,1 milhões de passageiros de e para a Síria. Actualmente, a companhia aérea voa para 14 cidades no Médio Oriente/GCC, atendendo a região com um total de 194 voos semanais. **Fonte-Aeroin**.

O Xeque druso Akl no Líbano pede patrocínio árabe e turco para tranquilizar o povo sírio

Os ex-primeiros-ministros libaneses Najib Mikati, Fouad Siniora e Tammam Salam anunciaram ontem durante sua reunião com o ex-líder do Partido Socialista Progressista Walid Jumblatt em sua casa em Beirute seu apoio às medidas e posições tomadas pelo Estado sírio para "evitar a divisão nacional na Síria", tendo como pano de fundo os eventos violentos em Sweida entre os drusos e os beduínos.

Os ex-primeiros-ministros sunitas enfatizaram "a necessidade de priorizar o diálogo, a abertura e a tolerância entre nossos irmãos sírios, a fim de cortar a sedição pela raiz e fazer todo o possível para fortalecer a unidade nacional interna entre todos os cidadãos sírios com base na cidadania e na justiça para todos". Os participantes elogiaram a posição de Jumblatt sobre os eventos em andamento e denunciaram "a interferência e agressão de Israel contra a Síria", enfatizando que "essa interferência nos assuntos internos da Síria é inaceitável e condenada. O objectivo é fragmentar e dividir o povo

sírio, e incitar e virar certas forças e partidos uns contra os outros, sob o pretexto de proteger nossos verdadeiros irmãos drusos árabes do Bani Ma'rouf em Jabal Al-Arab, que acreditam que o que Israel está fazendo é a implementação de um plano malicioso, exposto e inaceitável para perpetuar sua ocupação do Golã sírio.

A declaração emitida pelos participantes pediu "a necessidade de iniciar um cessar-fogo imediato e afirmar o compromisso total de todas as partes, para libertar os sequestrados, levantar o cerco e restaurar os serviços públicos". Eles também pediram "esforços para estabelecer comunicação, compreensão e tolerância entre todos os cidadãos sírios para evitar conflitos e parar o derramamento de sangue. **Fonte-Reuters**.

A 'história trágica' de Gaza mostra o 'desmoronamento do direito internacional', disse o embaixador do Paquistão na ONU, Asim Iftikhar Ahmad



Asim Iftikhar Ahmad, representante permanente do Paquistão na ONU, em entrevista ao Arab News

Defensor de longa data da causa palestina, o Paquistão está usando sua presidência do Conselho de Segurança da ONU para ajudar a redirecionar a atenção global para a crise em Gaza e o conflito israelense-palestino mais amplo.

Asim Iftikhar Ahmad, representante permanente do Paquistão na ONU, delineou a visão de seu país em uma ampla entrevista ao Arab News, quando o país do sul da Ásia assumiu a presidência rotativa do Conselho de Segurança "É uma história trágica. É um desmoronamento do direito internacional, do direito internacional humanitário", disse Ahmad, condenando a catástrofe humanitária em Gaza e o fracasso da comunidade internacional em pressionar Israel a acabar com ela.

Reiterando a posição de seu país na ONU, ele disse: "Queremos um movimento claro na direcção do Estado palestino, com base no direito à autodeterminação, com base na legitimidade internacional e nas resoluções do Conselho de Segurança da ONU". Ele também destacou a importância da próxima conferência sobre a implementação da solução de dois Estados – a ser co-presidida pelo Reino da Arábia Saudita e pela França de 28 a 30 de julho – chamando-a de "outra oportunidade de ouro para a comunidade internacional se unir e reafirmar esse apoio à causa palestina".

O vice-primeiro-ministro e o ministro das Relações Exteriores do Paquistão devem comparecer, oferecendo total apoio político e diplomático do país. Em preparação, Ahmad disse que o Paquistão participou activamente de oito mesas redondas preparatórias abordando as dimensões política, de segurança, humanitária e jurídica da solução de dois Estados. "Descrevemos como vamos apoiar muitas dessas acções", disse ele.

Em relação à coordenação com o Reino da Arábia Saudita e outros envolvidos nas negociações de cessar-fogo, Ahmad observou que, embora o Paquistão "não esteja directamente envolvido", permanece em contacto próximo com as principais partes interessadas. "Esperamos que este cessar-fogo seja anunciado mais cedo ou mais tarde", disse ele.

Questionado se o Paquistão consideraria normalizar as relações com Israel se um Estado palestino fosse reconhecido e a violência em Gaza terminasse, Ahmad foi inequívoco. "Não há indicações, infelizmente, do lado israelense sobre avançar com o reconhecimento", disse ele. "O que estamos vendo neste momento é o Estado palestino no contexto da solução de dois Estados." **Fonte-Arab News.**

Como o ouro se tornou a força vital da economia de guerra do Sudão



HAFED AL-GHWELL
19 de julho de 2025



Sudaneses deslocados verificam os danos após fortes chuvas no leste do estado de Gedaref em 16 de julho de 2025.

À medida que a guerra civil no Sudão continua, a devastação é cada vez mais medida em onças troy e toneladas métricas. Antes do início do conflito, o país produzia oficialmente 87 toneladas de ouro por ano, um número que despencou para apenas 2 toneladas em cinco meses de combate. No entanto, esse colapso mascara uma realidade

mais sinistra; estima-se que 100 kg de ouro agora desaparecem todos os dias nas fronteiras do Sudão – aproximadamente 60 toneladas desde abril de 2023. Esse fluxo ilícito não é um vazamento acidental, é a arquitectura financeira projectada de uma máquina de guerra aparentemente imparável.

Considere a mecânica dessa economia mortal. Os mineiros, muitas vezes trabalhando em condições perigosas sob o controle coercitivo de grupos armados, extraem o minério. Cada grama extraída, de poços artesanais em Darfur ou de concessões industriais ao longo do Nilo, é convertida directamente em artilharia importada, drones estrangeiros e salários de milícias.

O controle sobre os locais de mineração, particularmente aqueles concentrados em zonas geográficas específicas, é ferozmente contestado, tão vital quanto a posse de qualquer cidade estratégica. As Forças Armadas sudanesas, que detêm as principais áreas de produção, impõem impostos e taxas, canalizando os lucros por meio de estruturas adjacentes ao Estado. Seu rival, as Forças de Apoio Rápido, opera extensas redes paralelas, utilizando conexões transfronteiriças para movimentar e monetizar sua participação.

Uma parte significativa do ouro passa por países vizinhos, muitas vezes sob acordos obscuros envolvendo actores estatais, ou pelo menos tolerados por eles. Os destinos finais são os mercados internacionais, por meio de um importante hub global que actua como uma câmara de compensação financeira para ambos os lados. Lá, o ouro do conflito é refinado, legitimado e vendido, suas origens obscurecidas. Os recursos são então revertidos, muitas vezes por meio de canais financeiros complexos ou compras de material de guerra essencial. Armas, combustível e até suprimentos de alimentos para os combatentes são adquiridos no exterior usando esses fundos, enviados de volta através das fronteiras, às vezes através dos mesmos países vizinhos, e distribuídos para as linhas de frente.

Esse fluxo transnacional transforma o ouro sudanês em instrumentos tangíveis de morte e deslocamento dentro do próprio Sudão. Com as exportações oficiais de territórios controlados por SAF gerando US$ 1,6 bilhão somente em 2024, e mais de 60% da produção dos principais estados mineradores sendo contrabandeada, o ouro se torna a graxa para uma "economia" de conflito devastador que deslocou quase 9 milhões de pessoas.

Além disso, o caminho da commodity através de zonas de livre comércio de países vizinhos e refinarias estrangeiras demonstra as maneiras pelas quais as políticas comerciais regionais incentivam activamente a predação. Isenções de impostos e reduções de impostos em países vizinhos transformaram o contrabando transfronteiriço de uma actividade auxiliar na principal estratégia de receita para ambos os principais beligerantes no conflito, prendendo a nação em um ciclo de autoperpetuação no qual a riqueza mineral financia o colapso do Estado.

A profunda tragédia está na cumplicidade e no ambiente propício criado por actores externos influentes. As principais potências regionais, impulsionadas por ganhos econômicos de curto prazo e agendas estratégicas concorrentes, tornaram-se patronos indispensáveis.

Um estado, actuando como parceiro indispensável das Forças Armadas sudanesas, processa vastos fluxos de ouro ilícito através de seu território. Relatórios indicam que 80-90 por cento do ouro sudanês ignora os canais oficiais, drenando as receitas do Estado enquanto financia as despesas diárias de guerra de US $ 1 milhão das Forças Armadas Sudanesas. Esse oleoduto de contrabando, possibilitado por supervisão frouxa e cumplicidade política, subverte directamente a soberania sudanesa.

Simultaneamente, um segundo actor externo funciona como o motor financeiro para as Forças de Apoio Rápido. Ao fornecer acesso ao mercado e liquidez, esse patrono transforma o ouro controlado pelas Forças de Apoio Rápido em capital imediato. Suas refinarias de ouro absorveram mais de 46 toneladas de ouro sudanês somente em 2023, no valor de cerca de US$ 2,8 bilhões a preços actuais, incorporando commodities de conflito nos mercados globais. Não se trata de comércio passivo, trata-se de financiamento activo de conflitos. As perdas territoriais das Forças de Apoio Rápido do ano passado teriam desencadeado um colapso financeiro sem essa conversão ininterrupta de dinheiro.

Esses dutos duplos criam um equilíbrio perverso. O ouro gera mais de US$ 1 bilhão anualmente para as partes em conflito, garantindo que os gastos militares consumam os recursos necessários para os 25 milhões de sudaneses que precisam de ajuda.

Enquanto as Forças Armadas Sudanesas e as Forças de Apoio Rápido empregam as receitas do ouro para importar drones, munições e combustível, o sistema de saúde do Sudão entrou em colapso para cerca de 70% de infuncionalidade, enquanto as mortes de civis aumentam, como consequência directa da guerra economicamente sustentável.

As respostas e sanções internacionais permanecem fundamentalmente inertes contra a arquitectura de ouro de conflito do Sudão. O ataque a entidades isoladas, como sete empresas bloqueadas pelo Tesouro dos EUA em junho de 2024, ignora o complexo sistema transnacional que sustenta a guerra. Este sistema opera através de três canais integrados: corredores de contrabando no Chade e na Líbia; câmaras de compensação financeiras sofisticadas; e rotas de trânsito facilitadas pelo Estado através de países vizinhos, onde 80-90% do ouro ignora o escrutínio oficial.

Em poucas palavras, as sanções contra comandantes individuais ou empresas de fachada constituem pouco mais do que um teatro político. A resiliência do comércio de ouro reside em sua adaptabilidade em rede; As rotas mudam em semanas, as empresas de fachada se regeneram e os sistemas bancários regionais permitem a conversão instantânea de ouro em dinheiro.

Quando os EUA sancionaram as empresas ligadas às Forças Armadas sudanesas em 2024, as redes alinhadas às Forças de Apoio Rápido simplesmente redirecionaram as exportações através do Sudão do Sul e da República Centro-Africana, demonstrando a imunidade do ecossistema à pressão atomizada.

Até que os formuladores de políticas desmantelem toda a arquitectura - exigindo que os centros comerciais regionais fechem as lacunas de propriedade beneficiária nas bolsas de ouro e sancionando as refinarias que lavam minerais de conflito - a guerra continuará.

A linguagem da paciência estratégica e da manutenção da aliança soa vazia quando justaposta à sustentação do ecossistema de ouro ilícito de bilhões de dólares entrincheirado. A guerra civil do Sudão, que é responsável por criar a enorme crise humanitária que vemos hoje.

Mais do que simplesmente uma oportunidade perdida, esta é uma escolha activa, que permite que o comércio encharcado de sangue floresça em troca de conforto diplomático e ambiguidade regional. Até o momento, as instituições financeiras e refinarias a jusante mal vacilaram. Não houve desinvestimento generalizado, nem colapso na confiança do comprador, nem embargos multilaterais. As instituições reguladoras falharam não por falta de capacidade, mas por falta de vontade de agir, limitadas pela política, não pela logística.

A comunidade internacional deve agora enfrentar toda a cadeia de suprimentos – desde as minas controladas por grupos armados, passando pelas rotas de contrabando através das fronteiras, até os mercados estrangeiros e financiadores que lavam seus lucros e facilitam a conversão em armas – e impor custos coordenados e de alto impacto a todos os nós, especialmente aos actores externos que lucram com o caos. Caso contrário, o ouro do Sudão continuará a fluir e a guerra continuará a queimar. A riqueza mineral que poderia reconstruir a nação continua sendo sua maldição, alimentando um conflito medido em sepulturas em vez de gramas.

Hafed Al-Ghwell é membro sênior e director executivo da Iniciativa do Norte de África no Instituto de Política Externa da Escola de Estudos Internacionais Avançados da Universidade Johns Hopkins em Washington, DC. X: @HafedAlGhwell

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessáriamente o ponto de vista do **Arab News.**